

Oficinas de Rap na Socioeducação: o fazer musical e reflexões no Projeto de Vida com adolescentes privados de liberdade na UASE 1 em Ananindeua - Pará

Rap Workshops in Socioeducation: Making Music and Reflections in the Life Project with Adolescents Deprived of Liberty at UASE 1 in Ananindeua - Pará

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação musical

Arlindo Alves de Aguiar Junior
UFPA
alvesjr76@gmail.com

Lucian José de Souza Costa
UFPA
luciancosta51@yahoo.com.br

Áureo Déo de Freitas Junior
UFPA
aureo_freitas@yahoo.com

Resumo. O presente artigo descreve a experiência de uma atividade realizada com adolescentes privados de liberdade. A pesquisa foi realizada durante as aulas de arte/música na Unidade Socioeducativa UASE 1, no município de Ananindeua, Estado do Pará. O conteúdo trabalhado foi a linguagem musical do rap (*rhythm and poetry*). Objetivou-se possibilitar a estes jovens reflexões quanto ao processo de ressocialização e proporcionar experiências de criação musical. A metodologia utilizada foi a realização de oficinas de criação de rimas que aconteceram em três momentos: (a) sensibilização com os diálogos dirigidos, construção textual e poética; (b) estruturação do rap com a base rítmica eletrônica; e (c) gravação e apresentação das músicas produzidas. Esse processo perpassa pela análise da composição, que é precedida pela compreensão da cultura hip-hop e pelo contexto sociocultural em que este foi originado, pela forma no qual assentou-se no Brasil e pelas narrativas contidas nas letras. Nesta pesquisa de caráter qualitativo, o pesquisador, por meio observacional, examina como o rap em suas interfaces pedagógica, artística e social pode gerar compreensões que resultam em um novo olhar com foco no processo de ressocialização. Concluiu-se que, possivelmente o aluno em privação de liberdade possa encontrar uma possibilidade de ressignificação de sua caminhada durante e após a medida socioeducativa.

Palavras-chave. Socioeducação, Adolescentes, Rap, Projeto de vida.



Abstract. The researcher of this article describes the experience of an ongoing activity carried out with adolescents deprived of their liberty. This research takes place during art/music classes at the Socioeducational Unit UASE 1, in the city of Ananindeua, State of Pará. The content is the musical language of rap (rhythm and poetry). The main objective was to enable reflections on the process of resocialization and to provide experiences of musical creation. As methodology, the researcher will use the rhyming workshops in three moments: (a) sensitization with guided dialogues, textual and poetic construction; (b) structuring the rap with an electronic rhythmic base; and (c) recording and performance of the songs. This process will involve the analysis of the composition preceded by the understanding of hip hop culture, the sociocultural context in which it originated, the way in which it settled in Brazil and the narratives contained in the lyrics. In this qualitative research, the researcher, through observational means, examines how rap in its pedagogical, artistic and social interfaces may generate understandings that result in a new look focused on the resocialization process. It is concluded that possibly the student in deprivation of liberty may find a possibility to resignify his path during and after the socio-educational measure.

Keywords. Socioeducational, Adolescents, Rap, Life Project

O Rap como narrativa social

Apontado como uma linguagem cultural vinculada a determinados grupos com fronteiras socialmente territorializadas, o rap é um ritmo presente nos meios urbanos, e seu fazer está situado em boa parte das áreas periféricas das cidades. Este gênero, que é a expressão musical da cultura hip-hop, está expresso na realidade dos menos favorecidos. Como forma de um movimento que deu voz às causas sociais vocalizadas cultural e politicamente, o hip-hop, possibilitou aos jovens “espaços para a identificação quanto ao lugar que moram, ao lugar que ocupam no tecido social, a sua condição juvenil” (MATSUNAGA,2004, p.70).

Sua gênese data dos anos de 1960 nos bailes populares da Jamaica onde as vitrolas animavam os jovens que viviam nas áreas suburbanas. Uma década depois, o gênero ganha força e popularidade nas periferias de Nova Iorque tornando-se porta voz de jovens que protestavam contra a ausência do estado, a segregação racial e a violência.

No Brasil, o rap chega na década de 1980, com seus principais expoentes denunciando a precariedade da vida nas periferias, a violência policial e a criminalidade” (VIEIRA, HIPÓLITO e VIEIRA, 2020). A narrativa do rap retrata importantes questões sociais e tem sido construída e usada “por grupos oprimidos e marginalizados para resistir e desafiar as ideologias, práticas e estrutura de opressão e subordinação” (TOMASELLO,2006, p.59). Esses coletivos trazem em suas mensagens a crítica ao sistema e abordam questões como preconceito, violência policial e a desigualdade. A depender da ideologia e do estilo de cada artista, as músicas



retratam em seus enredos violência, pertencimento e amor. Quando vocalizado pela juventude o rap é uma potente linguagem de reflexão, protagonismo e expressão artística.

Para Tomasello (2006), com o rap, os jovens narram suas experiências de vida e o cotidiano de suas comunidades, e promovem um processo de empatia, identificação e pertencimento entre aqueles que compartilham a mesma realidade: negação de direitos, exclusão social e econômica e preconceito racial.

Os jovens diante de um cenário de negação de direitos, o que por consequência pode trazer a marginalização da dignidade, são, principalmente nas grandes cidades brasileiras, cooptados por organizações criminosas, vivenciam dilemas que podem resultar no cometimento de atos infracionais como forma de auto afirmar-se naquele grupo, e mais do que isso, para não ficar em dívida com as lideranças enveredam-se na prática sistemática de atos infracionais sendo mais cedo ou mais tarde compelidos ao óbito ou à privação de sua liberdade. Estudo de Souza (2019) mostrou um aumento de 56% nas medidas de internação de adolescentes em conflito com a lei entre os anos de 2013 e 2017 no estado do Pará, um crescimento médio anual de 12%. O significativo aumento do ingresso desses jovens vem acompanhado de uma lógica de que o adolescente comete o ato por um mero desvio de personalidade, imputando-lhe a inteira culpa pelo ato infracional. Fatores revelados no perfil socioeconômico, como a carência de bens materiais, a ausência do Estado refletida na falta de políticas públicas suficientes para alcançar essa parcela da população, nem sempre são fatores ponderados como motivadores da falta de perspectivas para estes jovens que cometem atos infracionais, o que potencializa em desfavor desses jovens uma cultura de culpabilização.

Com o objetivo de ofertar, por meio de uma proposta pedagógica, reflexões no projeto de vida do adolescente em conflito com a lei, a medida socioeducativa de internação, oferece ao jovem garantias de atividades que objetivam a retomada de sua ressocialização. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990, Art. 124) “o direito de receber escolarização (...), de realização de atividades culturais, esportivas e de lazer”, visam a reconstrução do projeto de vida do adolescente privado de liberdade. São ações realizadas no presente visando perspectivas futuras, é a bússola que move a medida socioeducativa por entender que estes aprendizados podem oportunizar uma possível mudança de vida (COSTA,2017).

O adolescente no contexto da escolarização

De acordo com Freire (1974, p.16) a relação professor, aluno e sociedade “precisa ser

conduzida ao diálogo, canal este de libertação da harmoniosa opressão imperante”. As palavras de Freire nos remetem à lembrança do processo de opressão em que esses adolescentes estão inseridos. Vieram de suas casas com seus sonhos ceifados e estigmatizados pela sociedade que ainda não consegue vê-los além de seu ato, ou seja, como adolescentes que tiveram suas garantias subtraídas.

Diante do desafio de oferecer, na medida socioeducativa, conteúdos e práticas mais humanizadas, voltadas para a reconstrução e fortalecimento desses jovens é que o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), em seu eixo educação, estabelece em suas diretrizes pedagógicas “desenvolver os conteúdos escolares, artísticos, culturais e ocupacionais de maneira interdisciplinar no atendimento socioeducativo” (2012,p.59), portanto, na socioeducação, deve-se oferecer caminhos para este aluno que está buscando a reconstrução de sua dignidade, liberdade e autonomia.

O aluno que adentra o sistema socioeducativo traz consigo um amplo e significativo repertório de vivências e experiências. Neste sentido, construir e conduzir um projeto de vida permite aos adolescentes enxergarem com maior clareza quem são e os desejos que possuem, experimentando uma reinvenção de seu contexto futuro (BAQUERO, LEMES & SANTOS, 2011). Vislumbrar o futuro requer ressignificar acontecimentos do passado. A lente de aumento que o rap oferece neste exercício de reflexão converge para um protagonismo, um lugar de fala “para além dos aspectos musicais e rítmicos, o rap consegue sintetizar e disseminar, através de suas letras, elementos que conduzem ao desenvolvimento de uma consciência social e política”(SANTOS, 2020, p.83). A linguagem musical, portanto, favorece além de um espectro sonoro, discursos, narrativas e experiências estéticas que auxiliam no modo de ver um novo caminho.

Teixeira (2017, p.6) aponta “a música como importante ferramenta de desenvolvimento cognitivo, psicomotor e socioafetivo”. Os estímulos produzidos pela música colaboram para o desenvolvimento intelectual do sujeito, ao passo que o desenvolvimento das habilidades motoras e o processo de formação de identidade e autoestima são favorecidos. Verificando a necessidade de oportunizar em nossas aulas semanais de arte/música conteúdos que possibilitassem aos adolescentes sob medida socioeducativa a oportunidade de reflexão em seu projeto de vida, aliando conhecimentos que já eram vivenciados por eles, iniciamos a experiência das oficinas de rap.

Oficinas de Rap: Três passos metodológicos

O despertar para essa jornada de implementar as oficinas de rap para os alunos privados de liberdade se deu durante uma de nossas aulas com a audição da música “*Negro drama*” do grupo Racionais MC. Os versos provocadores desse rap, expressam parte dos anseios e da realidade desses meninos privados de liberdade: “(...)Tirei um dia a menos ou um dia a mais/, sei lá Tanto faz, os dias são iguais/ Acendo um cigarro, e vejo o dia passar/ Mato o tempo pra ele não me matar (...)”. A canção retrata o cotidiano de uma pessoa de cor negra e origem suburbana angustiada com a rotina do cárcere. Não é raro na privação de liberdade, ver os adolescentes cantarolar esses versos com uma certa autoridade, eles já aprendem com os outros colegas, e com pouco tempo interpretam esse e outros raps com desenvoltura pois “o rap subverte o saber tradicional reafirmando, por assim dizer, uma “escrita orgânica” em que escrita e vida são uma coisa só” (ANZALDÚA, 2000, p.232).

Com este sinal iniciamos a organização das oficinas estruturadas em três passos metodológicos: Sensibilização que é a escrita das letras (rimas), a colocação das bases ou *beats* e a gravação das músicas. O primeiro momento é o processo de diálogos dirigidos e como recurso usamos textos, músicas, pequenos vídeos e depoimentos. Verificamos que, ao passo que os diálogos iam se aprofundando os participantes identificavam-se com as experiências de seus pares, ficavam mais acessíveis a falas cujas provocações suscitavam os acontecimentos familiares e fatos vivenciados nas ruas, percebeu-se falas que remetiam a medos e inseguranças, e de igual modo, descontração e autoafirmação. Abrir esse canal de diálogo fortalece as relações de confiança e afetivas ao passo que “funciona como um modo de denúncia da cruel realidade prisional, de combate à opressão e ao silenciamento a que se encontram submetidos, e de fazer ser ouvida as vozes dos privados de liberdade” (CORRÊA, 2016; PÔNCIO, 2014).

Esses relatos foram registrados e utilizados como gatilhos mentais. Depois elencamos as falas significativas, que são frases extraídas de trechos de música ou mesmo elaboradas por eles, as frases desvelam sentidos que se conectam a fatos ou vontades dos alunos e revelam um pouco do que querem e pensam esses jovens no pós-medida socioeducativa. Ao acionarmos a realidade vivida por esses jovens são comuns relatos de dor e exclusão. Neste sentido potencializamos as possibilidades de reconstrução de suas identidades e continuidade de suas caminhadas. A importância pedagógica do diálogo que antecede ao processo de criação do rap acaba por incorporar e permitir a reinvenção e ressignificação dos usos sociais da linguagem, o que é chamado de “letramentos de reexistência”(SOUZA, JOVINO & MUNIZ, 2018, p.2).

As falas significativas possibilitam o próximo passo metodológico da oficina: A produção da letra dos raps valorizando as narrativas e as descobertas obtidas no processo de

sensibilização. Nesta etapa da oficina é possível perceber um exercício de cooperação e empatia entre os adolescentes, os mais experientes colaboram na produção dos novatos. Interessante verificar que o zelo com a palavra é algo presente, o vocabulário dos adolescentes é ricamente utilizado nas composições. São letras que trazem os enredos família, violência e recomeço, temas muito valorizados. Observa-se nessas formulações uma válvula de escape do pesadelo vivenciado em seu subconsciente, como se o adolescente tivesse plena consciência da deterioração causada pelos estigmas em sua identidade subjetiva (GOFFMAN, 2017). Sabe-se que a figura materna é um dos poucos elos afetivos que esses meninos trazem em suas vivências. O rap de um dos adolescentes, que usa o termo “minha santa” se referindo a sua genitora, retrata essa realidade: “(...) *Meu parceiro eu tô de luto e o coração despedaçado/ Um projeto de vida deve ser repensado/ cultivado com estudo, com luta e transformação/ Minha santa pode esperar a transformação*” (Luiz Otávio, 15 anos).

Outro tema muito recorrente na produção das letras é o lamento pela perda de um amigo ou parente que foi vítima de violência: “(...) *Um amigo meu pena já se foi/ Deu mole na missão...perdeu irmão/ Tem dia claro e tem noite escura/Deus é o meu guia nessa vida dura*” (Gabriel, 14 anos). Neste trecho o aluno descreve a perda de um ‘parceiro’ que também era seu amigo de infância. Não é raro escritos que demonstram a afetividade por mais adverso que seja o cenário retratado nas letras, aqui o imaginário é acionado uma vez que se tratam de sentimentos que se intensificam quando os mecanismos psíquicos para os criar estão também parcial ou totalmente cerceados (CARRETEIRO, 2003).

Na construção das letras os adolescentes privados de liberdade ganham voz, o exercício do protagonismo permite o extravasar das emoções e compreensões, esses referenciais simbólicos como a família, os amigos e a infância confortam as identidades subjetivas desses jovens. ‘(..) *A tela desse filme “tá” gravada na memória Quando eu sair da tranca vou buscar essa história. Recomeçar, estudar, trabalhar e me erguer (..)*’ (Calvin, 14 anos). Neste trecho, o adolescente projeta-se ao reencontro com sua namorada querendo dar a volta por cima. A ‘tranca’ citada na letra, diz respeito à privação de liberdade. Assim a construção dos versos vai se dando, cada um trazendo nas letras suas vivências, reflexões e planos.

O passo metodológico seguinte foi a pesquisa pela base, ou seja, qual arranjo se adequa à proposta da composição. Nesta etapa da oficina fazemos uma leitura ritmada, procurando sentir como a elaboração do rap pode ser construída musicalmente. Usamos as bases gratuitas disponibilizadas no you tube que são previamente “baixadas” e levadas para os encontros. A seguir um testemunho de um aluno ao encontrar a base para sua letra: “...*essa ficou parágrafo!*”

Tipo rap sério, a batida forte e lenta deixa a gente ‘jogar’ direitinho a rima...’ o termo “paradão” significa que ficou muito bom e “jogar” faz menção à rima ter ficado no tempo certo.

Boa parte das bases trazem similaridades ao repertório que este aluno já consome. Nossa ideia ao trazer diversas bases é oferecer mais opções e oportunizar uma maior variedade de bases nas composições, possibilitando novas vivências estéticas e musicais. Esse processo criativo serve aos adolescentes como alimento mental, nutrem o processo imaginativo e contribuem para a fabulação das letras e fazer frente às adversidades que “auxilia na existência e na sobrevivência destes jovens em uma sociedade racista e opressora” (AMARAL, 2014; EBLE, 2016).

Como forma de tornar possível esse universo de fabulações para os jovens, as oficinas de rap proporcionam momentos de catarse. A palavra escrita e cantada empodera o aluno, sendo capaz de desafiar os estigmas impostos pela sociedade que provocam o sentimento de vergonha, ódio de si e autodepreciação (GOFFMAN, 2017). Com o rap os jovens narram suas experiências sugerindo mais clareza, tornando-o consciente dos desafios que vem à frente. Além da base que dá o ritmo e a dinâmica da letra, outro fator que é muito importante e construído ao longo dos encontros é a expressão corporal, gestos e balanços que representam parte da letra, complementam a mensagem da canção. É bom lembrar que o rap é em sua tradução a abreviatura de ritmo e poesia e o corpo tem fundamental importância nesta dinâmica artística.

O terceiro momento da oficina é a gravação dos raps, os recursos são simples, e de acordo com as condições que dispomos: o ambiente de gravação é uma sala refrigerada e adaptada para este fim, o microfone é conectado ao computador que já traz as bases, o aluno usa uma estante com a letra da música, e já previamente ensaiada e com a base coloca a voz no ritmo da música que é captada pela placa do dispositivo.

Durante o processo de gravação das músicas, além do fazer artístico o protagonismo se faz presente e “colabora no processo de resistência aos efeitos do cárcere sobre a “personalidade” do indivíduo, tecendo novas possibilidades e desvelando novos caminhos” (PÔNCIO, 2014 p.83). O aluno percebe-se um artista ao sentir a obra que narra sua fabulação valorizada e com lugar de fala garantido. Tomasello (2006), conclui que o rap enquanto um gênero musical permite a manifestação da subjetividade do adolescente.

E, ainda quanto ao processo de gravação e as letras neste vocalizadas é o resultado de uma construção coletiva, de um lugar comum que acomoda inquietações e estados de consciência despertados durante o fazer musical, cujas letras carregam todo o significado de uma produção simbólica que remete às experiências vividas, planos, anseios e visões deste aluno diante de sua realidade, como bem apontam Souza, Jovino e Muniz (2018), este envolve

práticas de letramento que se relacionam com questões culturais e políticas, posto que ampliam a possibilidade de o sujeito se inserir em um lugar social de crítica, contestação e aprendizado.

Por fim, a realização das oficinas possibilita momentos reconfortantes, e oportunizam a subversão, a fabulação de suas ideias contrastando o estado atual de seus corpos presos, com projeções de um futuro pela prática do rap.

Resultados

Atendemos jovens de 13 a 15 anos, sendo 12 no total, todos do sexo masculino, em turmas de ensino fundamental e médio. O potencial pedagógico demonstrado oportunizou o desenvolvimento da escrita e da leitura durante a produção das letras e construções poéticas pautadas na estética do rap.

A prática do rap favoreceu a relação interpessoal, haja vista a necessidade da troca de experiências na construção de argumentos subjetivos e coletivos. Musicalmente, as experiências estéticas vivenciadas estimularam o processo de criatividade, composição e gravação oportunizando mais proximidade com a tecnologia e a escrita musical e a linguagem do rap.

A prática do Rap possibilitou o aprofundamento das reflexões deste estilo enquanto bem cultural, linguagem de protesto, e crítica aos meios de opressão. A oficina de rap proporcionou por meio da construção e reflexão sobre as letras, a percepção da importância deste gênero na visão de suas condutas infracionais e, ainda, a importância de ressignificá-las visando o processo de ressocialização. Além disso, fomentou a compreensão de que é preciso acreditar em si e enxergar suas potencialidades, portanto trabalha a autoestima. Para o professor que oportunizou os encontros, há a necessidade de rever as abordagens visando o aprimoramento didático e pedagógico, e a inserção de outras técnicas de observação e registro do processo.

Referências

AMARAL, M. F. (2014). Jovens e seus modos de viver: experiências de sociabilidade na periferia. In Universidade do Estado de Santa Catarina (Org.), X ANPED Sul. Florianópolis: Autor. Recuperado de http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/943-0.pdf.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1. pp. 229-236, 2000.
“trata-se de sentimentos que se intensificam quando os mecanismos psíquicos.

BAQUERO, R. V. A, LEMES, M. A.; SANTOS, E. A. (2011). Histórias de vida de jovens egressos de medidas socioeducativas: entre a margem e a superação. Educação, 34(3), 341-350.

Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/718/6784>.

BRASIL. Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012 (2012, 18 de janeiro) . Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), que regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional. Diário Oficial da União, seção 11 2014/ 2012/ lei/ 112594. Html

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Senado Federal, 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.html.

CARRETEIRO, T. C. “Sofrimentos sociais em debate”. Psicologia USP, vol. 14, n. 3, pp. 57 - 72, 2003.

COSTA, C. S. S. Projeto de vida de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa). Recuperado de <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9109>.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974. FREIRE, Paulo.

GOFFMAN, E.. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

MATSUNAGA, P. S. (2004). Formações identitárias de jovens: algumas considerações sobre os hip hoppers piracicabanos. Psicologia Política, 4(7), 67-94. Recuperado de <http://each.uspnet.usp.br/>

PONCIO, G. R. O Rap como expressão da cultura popular e da tomada de consciência: enfrentando a prisionização e a seletividade do sistema penal (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre). Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/134404/000985826.pdf>.

SANTOS, A.C.; ALBERTO, M.F.P; MUNIZ, A. S. “Possibilidades e potencialidades do rap para adolescentes e jovens cumprindo medida socioeducativa”. Programa Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Estudos de Psicologia, 25(1), janeiro a março de 2020, 80-90.

SOUZA, O. L. J. O projeto político-midiático de redução da maioria penal associado à criminalização da juventude. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) –Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SOUZA, A. L. S., JOVINO , I. S.; Muniz, K. S. (2018). Letramento de reexistência – um conceito em movimentos negros. Revista da ABPN , 10, 01-11. Recuperado de <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/526>

TEIXEIRA, J. S. A influência da música no processo cognitivo e emocional da Criança e sua utilização como instrumento pedagógico (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais). Recuperado de <http://www.ped.ufv.br/wp-content/uploads/>

2018/ 11/ Jessica_Santos.

TOMASELLO. Oficinas rap para adolescentes: proposta metodológica de intervenção psicossocial em contexto de privação de liberdade (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília). Recuperado de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14086> Yamamoto, O. H., & Oliveira, I. S. (2010). Política Social e Psicologia : uma trajetória de 25 anos. *Psicologia:Teoria e Pesquisa*, 26(nº especial), 9-24. doi: 10.1590/S0102-37722010000500002.

VIEIRA, A.L.C.; HIPOLITO, J.M.S.V.; VIEIRA, J.J. “Ação afirmativa, memória e reconhecimento: Relações raciais e experiências negras nas narrativas do rap”. *Revista Praia Vermelha*, vol. 30, n. 1, pp. 115-137, 2020.